

A Análise do Discurso nos tempos digitais: uma entrevista com Dominique Maingueneau

Prof. Dr. Dominique Maingueneau (Universidade Sorbonne)

Entrevistadores:

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (UERJ/CAPES)

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior (UERJ)

Lethicia Roberta Barros Gonçalves (UERJ)

Débora Leão (UERJ/FAPERJ)

Dominique Maingueneau é pioneiro nos estudos de Linguagem que seriam nomeados como Análise do Discurso, mais especificamente de vertente francesa. Doutor em Linguística pela Universidade de Paris X e pesquisador ativo nas ciências da linguagem, com contribuições destacadas nos campos da Linguística, comunicação, Análise do Discurso e Literatura, o professor Maingueneau nos concede a honra de ser o ilustre entrevistado do número 43 da Revista Palimpsesto, a revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ), número este que possui o tema “Lingua(gen)s em circulação: a linguagem como forma de acesso às instâncias cidadãs”.

Maingueneau é autor de vários livros na área de Análise do Discurso, muitos deles traduzidos para diversos idiomas - entre eles a Língua Portuguesa, como as obras *Enunciados Aderentes* (2022), *Variações sobre o Ethos* (2020), *Discurso e Análise do Discurso* (2015), *Cenas da Enunciação* (2008) e *Gênese dos Discursos* (2008), todos publicados pela Parábola Editorial. Também publicou artigos em diversas línguas, notadamente francês, sua língua materna, e português, idioma ao qual ele domina.

Atualmente atuante como professor da Universidade Sorbonne, Maingueneau nos mostra, ao longo desta entrevista, que seus interesses foram atualizando-se e variando conforme o tempo. Isso se deu, por exemplo, quando lhe foi solicitado que escrevesse um manual de análise linguística para estudantes de literatura, em 1986. A partir de então, como se refletirá em seu trabalho, Maingueneau passa a considerar a Literatura como uma

região específica do discurso e reconhece sua importância no patrimônio cultural da humanidade.

Para ele, o discurso não é separável do contexto social que o origina. Desta forma, em sua visão, a Análise do Discurso torna-se um observatório interessante da sociedade, capaz de estruturar as práticas discursivas e revelar dinâmicas sociais. Isto é ainda mais forte no mundo contemporâneo, digitalizado, no qual a Análise do Discurso pode influenciar melhorando o ensino ou o senso crítico da sociedade frente às práticas discursivas digitais.

O professor Maingueneau também destaca a importância da interdisciplinaridade, que, para ele, relaciona-se com ir além do texto, a materialidade da língua, que é central, mas não sozinha no discurso, possuindo este último, então, mais manifestações. Contudo, apesar da primazia da Análise do Discurso para refletir em um cenário tão rico, o professor nos alerta que as práticas do campo devem ser pautadas por ética, ou seja, devemos pensar nos usos que daremos a ela, uma atividade que pode tanto auxiliar o desenvolvimento progressivo da sociedade quanto incitar violência e dominação.

Por fim, nossa entrevista também abrange os aspectos mais técnicos e atualizados do debate público, que orbitam em torno de questões como as interações mediadas por telas, os discursos de ódio nas redes sociais e a Inteligência Artificial. Para o autor, é possível que encontremos nestas recentes configurações novas formas de dominação, fato muito evidenciado durante a pandemia de Covid-19, portadora de uma grande dimensão narrativa e discursiva.

Agradecemos sincera e profundamente o ilustre professor Dominique Maingueneau pela disposição de tempo e pelo franco debate, muitíssimo proveitoso, apenas semeado nas páginas a seguir.

PALIMPSESTO

1) Ao longo da sua trajetória como pesquisador das ciências da linguagem, o senhor contribuiu de diversas maneiras para os estudos de língua em diversos países, dentre eles o Brasil, tendo suas principais contribuições na Linguística, na comunicação, na Análise do Discurso e nos estudos do Discurso Literário. Assim sendo, poderia narrar um pouco

sobre como se deu a sua pesquisa com os estudos linguísticos e literários? E como descreve a sua trajetória até o presente momento?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Se tive interesse pela análise do discurso, foi porque tive, sobretudo, a sorte de estar no lugar certo na hora certa. Em 1970, eu era estudante de linguística na Universidade Paris-Nanterre, que na época era o principal centro de desenvolvimento da análise do discurso, cujo surgimento foi reconhecido em 1969 com a publicação de um número especial da revista *Langages*, intitulado “*L’analyse du discours*”. Como eu queria estudar na época um *corpus* pertencente ao discurso religioso, me pareceu que essa nova disciplina poderia me oferecer um arcabouço conceitual e metodológico adequado. Foi também a época em que a “*Nouvelle critique*” triunfou na literatura e o projeto de muitos pesquisadores, que se interessavam pela análise do discurso, era aplicar a textos muito diversos, especialmente os políticos, o mesmo tipo de abordagem que estava revolucionando o estudo da literatura naquele momento. Naquela época, não existia nenhum manual de análise do discurso ou mesmo qualquer livro que fornecesse uma visão geral desse campo de pesquisa. Pediram-me para escrever um trabalho introdutório a essa nova disciplina; foi assim que publiquei uma *Initiation aux méthodes de l’analyse du discours* em 1976. Uma vez empenhado nesse caminho, continuei na mesma direção, conduzindo simultaneamente minhas próprias pesquisas e escrevendo trabalhos para divulgar a análise do discurso.

Inicialmente, meus trabalhos não tinham nenhuma orientação para a literatura. Mas em 1986, um editor me pediu para escrever um manual de análise linguística para textos destinados aos estudantes de literatura. Adaptei o curso que estava ministrando na época sobre enunciação linguística, escolhendo exemplos tirados da literatura. Para minha grande surpresa, este livro (*Eléments de linguistique pour le texte littéraire*) teve muito sucesso. Em seguida, direcionei meu trabalho para a pragmática aplicada à literatura (*Pragmatique pour le discours littéraire*, 1990), antes de decidir que era necessário integrar a literatura no campo da análise do discurso (*Le contexte de l’œuvre littéraire*, 1993). Atualmente, considero a literatura como uma região do discurso. Isso não significa que uma conversa comum deva ser colocada no mesmo nível que uma obra literária; o

discurso é heterogêneo, ele é dividido em regiões que não funcionam da mesma forma. No entanto, isso não significa que a análise do discurso detenha o monopólio do estudo da literatura. As obras literárias fazem parte de um patrimônio coletivo transmitido de geração em geração, de modo que a maioria das pessoas que escrevem sobre literatura não têm como objetivo oferecer uma análise científica, mas sim interpretar ou reinterpretar as obras, contar a vida dos escritores ou descrever o mundo em que viveram.

Quando olho para trás, para todo o meu trabalho, admito que sou incapaz de fornecer uma visão geral de uma carreira de pesquisa que se estende por quase cinquenta anos. No início, não defini um projeto que desenvolveria ao longo dos anos, mas conduzi pesquisas conforme as circunstâncias e demandas que me foram apresentadas. Dito isso, é inevitável que algumas tendências surjam nos trabalhos que realizei. No entanto, é mais fácil para um estranho detectá-las do que para mim mesmo.

Ao longo do tempo, abordei trabalhos bem variados, desde filosofia a rótulos de produtos, incluindo literatura, manuais escolares, discurso religioso, discurso político, publicidade, etc. No entanto, também procurei constantemente refletir sobre a natureza da análise do discurso e destacar a diversidade dos modos de manifestação do discurso. A noção de paratopia, por exemplo, permite caracterizar uma área do discurso, a dos “*discours constitutants*”. A própria categoria de gênero de discurso não se aplica a todas as manifestações do discurso: ela não é válida para conversas ou trocas dentro de atividades não verbais, e nem mesmo para a Internet.

Essa preocupação com a diversidade das manifestações do discurso me leva a questionar o “*mainstream*” dos estudos de discurso. Na sua grande maioria, os pesquisadores se concentram em conversas e em alguns setores sociais: educação, política, mídia, justiça, saúde, economia. Eles raramente levam em conta discursos tão importantes como a religião, a literatura, a filosofia, a ciência... Também fui levado a criticar a ênfase no texto, introduzindo o conceito de aforização, assim como a ênfase na linguagem em detrimento do corpo, ao reformular a noção de *ethos*; recentemente, contestei a separação entre o discurso e as coisas, desenvolvendo uma problemática dos “*énoncés adhérents*”, essas sequências de sinais que são inscritas em suportes materiais: objetos, animais, corpos humanos...

Como testemunhei os primeiros anos da análise do discurso, sempre estive preocupado em mostrar seu interesse e legitimidade. Na verdade, a análise do discurso

chegou tardiamente ao cenário científico e ela não tem ou ainda não tem uma posição assegurada: nem na linguística no sentido estrito, nem na sociologia, nem na psicologia. Isso é o que a torna forte, o que lhe confere um grande poder crítico e a permite intervir em qualquer disciplina. Mas também é o que a torna frágil. Michel Foucault, em 1969, em *l'Archéologie du savoir*, escreveu que ao levar em conta o discurso se abre a possibilidade de “*desserrer l'étreinte apparemment si forte des mots et des choses*”; mas é preciso reconhecer que mais de meio século depois, a situação não evoluiu muito: esse vínculo permanece extremamente forte.

De maneira geral, acredito que a análise do discurso constitui um observatório particularmente interessante da sociedade. Em vez de segmentar grupos sociais ou traçar um quadro das crenças compartilhadas pelos membros de uma comunidade, podemos observar suas práticas discursivas. Estas não são um “*reflet*” da sociedade: elas a estruturam. De fato, é preciso pensar em termos de “*institution discursive*”: por um lado, as instituições tornam possíveis certas práticas discursivas, por outro lado, estas práticas tornam essas instituições possíveis.

PALIMPSESTO

2) O dossiê se funda na percepção de que ao se trabalhar, ainda na educação básica, a Análise do Discurso em conjunto às crises enfrentadas no século XXI, formaríamos uma consciência social dos sujeitos, assim, a linguagem agiria de forma direta ao acesso às instâncias cidadãs. Diante disso, percebemos o alcance da sociedade nas suas profundezas, e, assim, ela é suscetível de interessar as mais diversas ciências da linguagem e, mais particularmente, à Análise do Discurso, especialmente, a partir de dois pontos de vista: 1) em razão dessa dinâmica propor novos objetos de análise, novos corpora; 2) em razão de ela colocar em questão certos limites das abordagens discursivas mais tradicionais. Do seu ponto de vista, como a Análise do Discurso, como dispositivo teórico-analítico, poderia analisar e problematizar sobre a crise do mundo contemporâneo?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Acho muito difícil responder a essa pergunta. Poderíamos observar que a análise do discurso não é externa ao “*monde contemporain*”, mas sim parte dele. O mundo contemporâneo é um mundo onde se pratica a análise do discurso, da mesma forma que a democracia ateniense era um mundo onde se praticava a retórica. O interesse pelo discurso que surgiu na década de 1960, e que só cresceu nas décadas seguintes, está associado à “*tertiarisation*” da economia, que foi ampliada significativamente pelo desenvolvimento da informática e, posteriormente, da Internet. O estudo do discurso também acompanha o que N. Fairclough chama de “*technologisation du discours*” que estende de forma até então desconhecida as técnicas de controle social à linguagem, tanto para a produção como para o processamento do discurso: basta pensar no surgimento recente dos “*chatbots*” como o Chat GPT e seus concorrentes. A análise do discurso, aliás, não é o único campo de pesquisa envolvido: é preciso também levar em conta o desenvolvimento global da semiótica e das ciências da comunicação. À medida que se multiplicam os espaços que oferecem sinais em exibição, há mais especialistas para analisá-los. Os próprios especialistas se destacam em meio à multidão considerável de analistas espontâneos que expressam suas opiniões nos inúmeros espaços interativos de “*discussion*”, de “*réaction*”, de “*opinion*”... que a Internet oferece. As pesquisas em análise do discurso participam, quer queiram ou não, dessa reflexividade generalizada da sociedade em relação às suas próprias práticas discursivas. Qualquer que seja o campo considerado, a questão do discurso tornou-se central nas sociedades onde, tanto no mundo profissional quanto na vida privada, quase todos estão constantemente conectados a uma massa de enunciados provenientes de várias fontes.

Como qualquer inovação, a análise do discurso pode ser colocada ao serviço do pior e do melhor. Por exemplo, pode ajudar a melhorar a eficácia do ensino. Desse ponto de vista, apresenta uma grande vantagem em relação a outras disciplinas: aborda o discurso tanto como linguagem quanto como atividade social. A análise do discurso se diferencia de outras disciplinas que têm como objeto de estudo os textos; ela não apenas aborda textos, mas práticas discursivas, e estuda todo tipo de *corpus* em vez de se concentrar em textos escritos prestigiados. Isso permite estabelecer relações mais

facilmente entre diferentes áreas, como, por exemplo, a comunicação social, a administração e a pedagogia.

PALIMPSESTO

3) No artigo “*Aphorisation et cadrage interprétatif*”, o senhor afirma que “*le texte constitue l’unique réalité empirique à laquelle ait affaire le linguiste : des unités comme la phrase ou le mot sont nécessairement abstraites de textes. Le texte est en effet la contrepartie du genre de discours, qui est considéré comme le cadre de toute communication pensable.*” (MAINGUENEAU, 2013, p. 101). Partindo da percepção de que o texto é base fundamental para a comunicação e que a língua é tomada como um instrumento de poder e de dominação, você poderia comentar de que maneira os pressupostos teóricos da Análise do Discurso podem contribuir para contestação de práticas linguísticas excludentes usadas por diversos agentes da comunicação?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

No trecho que você citou, parece-me que não estou expondo o meu ponto de vista, mas sim a perspectiva predominante na análise do discurso. Nos meus trabalhos sobre aforização e em outros, contesto a ideia de que o texto é a única manifestação do discurso. Além disso, o conceito de texto não tem o mesmo significado quando consideramos um texto monológico escrito e uma conversa. Mas é verdade que a sociedade é estruturada por textos que se relacionam com gêneros de discurso.

Toda dominação precisa da linguagem para se legitimar e perdurar. No entanto, não se trata de um problema de “*langue*”, mas de “*discours*”. A análise do discurso se baseia no pressuposto de que nossa fala está sujeita a dois níveis de restrições: o da língua, no sentido de Saussure, ou seja, o sistema linguístico, e o do discurso. Você está certo ao enfatizar que a análise do discurso possui um poder crítico nesse sentido, pois ela mostra como as relações de poder estão no cerne das práticas discursivas: estas não são apenas um reflexo dessas relações, elas contribuem para torná-las naturais. Não podemos, portanto, melhorar um setor da sociedade sem modificar as suas práticas discursivas. O

desafio, é claro, é saber quais são as práticas discursivas que devem ser alteradas para alcançar o resultado desejado.

É verdade que, como diz Roland Barthes, toda língua é “*fasciste*” no sentido de que ela restringe o que podemos dizer; mas é também o que permite a existência de uma sociedade, a troca entre os seres humanos, o que nos torna humanos. Da mesma forma, o gênero de discurso restringe o que podemos dizer, mas existem canções de ódio e canções de amor, e a contestação da dominação através do discurso também ocorre por meio do próprio discurso...

Além das relações de dominação inscritas nos detalhes das práticas discursivas, é preciso considerar fenômenos mais amplos, especialmente a propaganda em Estados autoritários ou, em nível individual, discursos de ódio ou conspiratórios que circulam nas redes sociais. É uma nova forma de dominação, possibilitada pelas tecnologias digitais. Esses dois fenômenos estão cada vez mais interligados: hoje em dia, a propaganda não se limita mais à imprensa escrita, ao rádio, à televisão ou aos cartazes nas ruas: ela também invade as redes sociais. Alguns Estados ou empresas criaram serviços especializados para disseminar sua propaganda de forma disfarçada na Internet. Sabe-se, por exemplo, que o governo russo tentou influenciar o voto em favor de D. Trump. Os analistas do discurso estão bem preparados para analisar o funcionamento desse tipo de comunicação, mas infelizmente suas pesquisas atingem apenas um público muito limitado e têm pouquíssimo impacto sobre aqueles que produzem tais discursos. Também devemos ter em mente que o conhecimento sobre o funcionamento do discurso pode ser usado tanto para fins éticos quanto para violência e dominação. Os Estados ou as grandes empresas podem utilizar o conhecimento produzido pelas ciências sociais e humanas em seu benefício. A generalização da Inteligência Artificial só pode facilitar as coisas para aqueles que desejam controlar o uso do discurso. A análise do discurso pode fornecer instrumentos de emancipação apenas se puder contar com uma ação política que a oriente na direção certa.

PALIMPSESTO

4) Considerando o período de pandemia que enfrentamos e o período pós-pandêmico que agora vivemos, como o senhor vê a influência da comunicação digital na comunicação

linguística? E de que maneira os discursos digitais podem modificar ou não os pressupostos da Análise do Discurso?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Tudo depende do que entendemos por “*communication linguistique*”. A crise da Covid-19 não teve uma influência notável no sistema da língua; ela simplesmente introduziu no uso uma série de termos que anteriormente eram reservados ao vocabulário de diversas disciplinas científicas. Por outro lado, acelerou tendências que eram pouco visíveis anteriormente. Destacarei duas delas.

A primeira é o desenvolvimento das atividades de troca linguística à distância, especialmente no mundo da educação e no mundo do trabalho. Hoje em dia, muitas vezes, existem duas opções para falar com alguém, quando anteriormente havia apenas uma: o contato entre pessoas cujos corpos compartilham o mesmo espaço físico. A segunda é o questionamento sistemático das autoridades tradicionais pelas redes sociais. Antes, isso se referia principalmente ao domínio político; com a crise da Covid-19, foram as próprias ciências que foram questionadas. Isso é obviamente explicado pela natureza sem precedentes do fenômeno: a investigação científica requer muito tempo, enquanto havia uma necessidade urgente de responder à crise criada por um novo vírus. Estas foram, portanto, circunstâncias ideais para a proliferação de informações não verificáveis. Num mundo onde todos possuem *smartphones*, *tablets* ou computadores, a quantidade de informação aumentou dramaticamente, e elas se espalham instantaneamente pelo mundo. Essas informações se apresentam como sequências de sinais que surgem nas telas sem serem supervisionadas por uma instituição responsável por elas. Não foi a crise da Covid-19 que causou essa situação, mas ela contribuiu para instalar um sentimento generalizado de desconfiança em relação à confiabilidade da relação entre essas sequências de sinais e o mundo “*réel*”.

Esta crise também nos permitiu perceber o quanto nossa percepção do mundo é construída pelo discurso. Entendemos, espontaneamente, uma epidemia como uma realidade biológica, médica ou social, que nada tem a ver com o discurso. Os biólogos examinam a estrutura dos vírus ou bactérias, a liberação de anticorpos, etc. Os médicos se interessam pelos modos de transmissão e pelos protocolos terapêuticos. Os sociólogos

abordam a epidemia através de suas condições e efeitos sociais: quais grupos são mais afetados, quais são as consequências psicológicas ou econômicas do confinamento generalizado, etc. Mas a epidemia também é uma realidade discursiva. Quando falamos da Covid-19, falamos de uma *denominação* construída por uma organização internacional; quando mencionamos “*faits scientifiques*”, na verdade, estamos nos referindo a publicações científicas; quando falamos sobre “*les chiffres de la pandémie*”, estamos nos referindo na verdade a uma multiplicidade de *práticas semióticas* de construção e disseminação desses números; quando entrevistamos um biólogo na televisão, estamos ativando um *gênero de discurso* midiático; e assim por diante.

O notável desenvolvimento dos modos de comunicação digital só pode ter consequências nos pressupostos, conceitos e métodos dos analistas do discurso. A maioria continua a trabalhar da mesma forma que antes. No entanto, hoje em dia as pessoas passam mais tempo olhando para telas (para ler ou escrever) do que interagindo oralmente, lendo impressos ou escrevendo em papel. O desenvolvimento dos *audiobooks* segue na mesma direção. Certamente, as televisões já eram telas, mas não eram telas de uso individual e se tratava de uma comunicação assimétrica sobre a qual os destinatários não tinham controle. Os analistas do discurso se encontram, portanto, diante de *corpus* muito mais difíceis de lidar: construir e processar um *corpus* tradicional de textos escritos apresenta menos desafios do que realizar pesquisas em um *corpus* retirado de redes sociais ou de *websites*. A dimensão multimodal e o aspecto técnico não podem mais ser ignorados ao abordar esse tipo de dados. Seus destinatários não são apenas decifradores, eles podem realizar uma série de operações no que aparece em suas telas. Diante dessa nova realidade, os analistas do discurso podem ser tentados a recuar para dados “*pures*” e deixar para outras disciplinas o que têm dificuldade em lidar, em vez de realizar os ajustes epistemológicos necessários.

Além disso, o exercício do discurso se apresenta cada vez menos como uma relação entre parceiros envolvidos em uma única atividade comunicativa. Situações híbridas são cada vez mais comuns. No dia a dia, vemos os regimes se misturarem; por exemplo, conversamos com alguém enquanto consultamos a internet no telefone ou enviamos mensagens de texto. Um estudante do ensino médio que está fazendo seus deveres escreve uma redação enquanto navega na internet e lê um impresso, e eventualmente assiste a um vídeo no telefone ou *tablet* de vez em quando. Sem ir tão

longe, as interações na esfera privada, assim como na esfera comercial ou profissional, cada vez mais envolvem a mediação de telas: para verificar uma informação, enviar uma foto, compartilhar um documento, etc.

PALIMPSESTO

5) Poderia falar um pouco a respeito dos acionamentos discursivos na composição da opinião pública? Como o discurso, por exemplo, de governos e de grandes organizações acionam determinados sentidos em uma crise? Como analisar os gatilhos discursivos realizados por diferentes organizações?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Confesso que tenho dificuldade de entender o que você quer dizer com “*déclencheurs discursifs*”. Sua pergunta enfatiza o papel das “*grandes organisations*” e dos “*gouvernements*”; mas nesse ponto houve uma grande evolução, pelo menos nos países onde o governo não controla os meios de comunicação. Hoje em dia, estamos testemunhando o surgimento de novos atores e novos espaços de produção e circulação de enunciados. Obviamente pensamos nas redes sociais, que competem com os canais tradicionais; mas também devemos levar em conta o crescente peso das diversas associações que têm fácil acesso aos meios de comunicação mais importantes. Por exemplo, se uma criança em uma escola está sendo assediada por seus colegas, ou se ocorre um ato de discriminação racial, alguma associação especializada pode relatar esses fatos para os grandes veículos de imprensa, que os divulgam muito rapidamente na *Web*; muitas vezes isso pressiona os partidos políticos a reagirem publicando comunicados ou os políticos a escreverem *tweets*, que por sua vez podem ser citados na *Web*. Antes, essas informações, na melhor das hipóteses, teriam sido mencionadas em jornais locais.

Os períodos de crise podem fortalecer o domínio do discurso de grandes organizações e de governos, pois os cidadãos buscam segurança; mas também podem enfraquecê-lo. Mencionei acima a crise da Covid, que permitiu a multiplicação de informações provenientes de atores que antes eram marginais. Em escala global, vemos duas tendências se confrontando: uma que enfraquece a autoridade dos principais atores

da comunicação, e outra que, pelo contrário, se esforça para impor o ponto de vista dos mais poderosos. As novas tecnologias favorecem, de fato, tanto a proliferação incontrolável de declarações quanto a sua vigilância generalizada.

PALIMPSESTO

6) Os Estudos Culturais alcançaram significativo espaço na Literatura Contemporânea, ao promoverem a problematização das relações entre cultura, linguagem e poder; bem como a Análise do Discurso investiga as estruturas de poder e os valores sociais dentro das práticas linguísticas cotidianas. Considerando que os objetivos de ambas as disciplinas podem ser percebidos dentro de uma interseção, de que maneira os pressupostos teóricos da Análise do Discurso podem contribuir para uma abordagem interdisciplinar entre a Linguística e a Literatura?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Não tenho certeza se podemos dizer que os estudos culturais são uma disciplina. É mais um campo de reflexão que permite repensar as experiências dos sujeitos e os produtos culturais sob a perspectiva da contestação das formas de dominação. Eles permitem desconstruir o conhecimento e descentrar o olhar, partindo não apenas do objeto cultural tal como foi construído, mas também da forma como ele influencia as pessoas que o recebem. Esses estudos culturais colocam assim ênfase nos usos e nos públicos dos produtos culturais. Por outro lado, quando a análise do discurso se propõe a estudar a literatura, ela opera um deslocamento em direção ao conceito de “*discours littéraire*”, recusando assim os hábitos dos especialistas em literatura, que na maioria das vezes se dividem em dois grupos: aqueles que analisam e interpretam as obras, e aqueles que estudam o “*contexte*” biográfico ou social em que foram produzidas e onde circulam. A análise do discurso contesta essa divisão, especialmente ao relacionar as obras às instituições que as tornam possíveis e onde elas adquirem significado. Os estudos culturais e a análise do discurso podem, portanto, ser complementares em muitos aspectos. No entanto, existem diferenças entre essas abordagens. Por exemplo, os estudos culturais têm uma orientação fundamentalmente crítica: eles contestam a cultura

dominante. Por outro lado, a análise do discurso literário não é necessariamente crítica e não enfatiza a recepção dos produtos culturais.

PALIMPSESTO

7) Ao incorporar a Análise do Discurso como dispositivo teórico-analítico em sala de aula entendemos que esse dispositivo pedagógico atua como alternativa na formação do aluno. Assim sendo, temos uma leve inclinação a pensar como o professor trabalharia também com um conceito bastante conhecido, o *ethos*. Dessa forma, poderia nos elucidar a respeito do *ethos* “categorial”, “experencial” e “ideológico”?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

O uso pedagógico da análise do discurso é um problema muito difícil. O problema também surge quando se recorre a outras disciplinas, especialmente a sociologia ou a psicologia. A análise do discurso em si não tem como objetivo melhorar o ensino. É à didática que cabe a tarefa de selecionar nos trabalhos de análise do discurso os elementos que podem ser úteis para a pedagogia. Isso pode ser feito em dois níveis complementares. Em um primeiro nível, a intervenção da análise do discurso permite analisar o funcionamento da instituição escolar; existem, por exemplo, trabalhos sobre as aulas, sobre os trabalhos escritos elaborados pelos alunos, sobre as práticas de recrutamento dos professores, etc. Em um segundo nível, ela permite melhorar os programas. O ensino da literatura, por exemplo, não será o mesmo se abordarmos a literatura em termos de discurso ou se tivermos uma maior consciência dos pressupostos ideológicos nos quais se baseiam os textos que estudamos em sala de aula.

O *ethos* é um dos conceitos que podem ser utilizados na didática da língua, uma vez que envolve uma relação entre a fala e o locutor, que é compreendido em suas múltiplas dimensões: sua reputação, seu *status* na sociedade, seu corpo. No entanto, não tenho a competência para determinar de que maneira um professor poderia integrá-lo em um dispositivo pedagógico. E isso se torna ainda mais complexo quando se considera a diversidade de situações: o ensino da expressão escrita ou oral, por exemplo, apresenta desafios distintos no Brasil e na França, em uma escola popular e em uma escola cujos

alunos pertencem às classes privilegiadas. O *ethos* pode ser útil, porque se situa precisamente na interseção entre a fala e o comportamento social; nesse sentido, é significativo que esse conceito seja utilizado tanto na análise do discurso quanto na sociologia.

Introduzi a distinção entre *ethos* “*catégoriel*”, “*expérientiel*” e “*idéologique*” para tornar a noção de *ethos* mais eficaz. Constatei, de fato, que nos trabalhos sobre o *ethos*, eram utilizados rótulos bem diversos de forma pouco controlada: *ethos* “*de professeur*”, *ethos* “*masculin*”, *ethos* “*écologiste*”, *ethos* “*patriotique*”, *ethos* “*paysan*”, entre outros. Para levar em conta essa diversidade, propus atribuir ao *ethos* três dimensões (*categorial*, *experencial* e *ideológico*), que são mais ou menos proeminentes dependendo dos textos em questão.

- 1) A dimensão “*catégoriel*” abrange tanto papéis discursivos quanto *status extra-discursivos*. Os primeiros estão ligados à atividade da fala e, portanto, ao contexto genérico: apresentador, contador de histórias, pregador... Os segundos podem ter naturezas muito variadas: pai de família, engenheiro, morador de uma vila, mexicano, solteiro, estudante... etc.
- 2) A dimensão “*expérientiel*” do *ethos* engloba estereótipos sócio-psicológicos: sabedoria, agressividade, lentidão, estupidez, originalidade, doçura, rigidez...
- 3) A dimensão “*idéologique*” se refere a posicionamentos em campos discursivos. No campo político: conservador, feminista, ambientalista, anticlerical...; no campo literário: romântico, realista, modernista...

Essas três dimensões interagem fortemente nos estereótipos que circulam em uma determinada cultura. O camponês (*ethos* categorial) está associado ao bom senso (*ethos* experencial) e ao conservadorismo (ideológico); na política, o militante de extrema esquerda ou de extrema direita (*ethos* ideológico) é associado ao fanatismo (*ethos* experencial), etc. Um dos interesses dessa distinção é que, dependendo das declarações, uma ou outra dimensão do *ethos* pode predominar. No entanto, acredito que esta estrutura de análise poderia ser aprimorada para melhor levar em conta a diversidade das situações de comunicação.

PALIMPSESTO

8) Enquanto indivíduos sociais, produzimos e interagimos por meio de textos, escritos e falados, de diferentes modalidades discursivas e em diversa áreas da atividade comunicativa humana. O senhor poderia comentar como as correntes teóricas da Análise do Discurso contribuem para o ensino de línguas e de literaturas na Universidade e na Educação Básica?

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Esta é uma questão formidável, pois, como acabei de dizer, a transposição didática da análise do discurso não pode ser feita de forma mecânica: ela requer a intervenção de uma reflexão didática. Devemos, portanto, abandonar essa concepção “*applicationniste*” das relações entre análise do discurso e ensino. Na realidade, existe uma interação entre os dois domínios. A análise do discurso é modificada pelos desafios que o ensino apresenta; ela é levada a desenvolver novos conceitos para atender às necessidades dos especialistas em didática. E isso é ainda mais verdadeiro, dado que o setor do ensino é de uma complexidade extraordinária. Temos o hábito de nos concentrar nas interações na sala de aula ou nos manuais escolares, mas isso é apenas uma pequena parte da instituição escolar, que aliás está se tornando cada vez menos um universo fechado. Até mesmo a relação dos alunos com o conhecimento mudou. Antigamente, a maior parte de seus conhecimentos era adquirida por meio do ensino; hoje em dia, eles estão cada vez mais obtendo informações pela internet e se comunicando entre si. Isso leva muitos professores a ensinar aos alunos como organizar o conhecimento ao qual têm fácil acesso, em vez de apenas transmitir conhecimentos a eles.

O ensino da língua e da literatura apresenta desafios bastante distintos na educação básica e na universidade. Na educação básica, os objetivos do ensino são diversos: trata-se de enriquecer a cultura geral? Transmitir um patrimônio e valores cívicos? Aprender a se expressar melhor por escrito? Oralmente? Ser capaz de analisar a língua ou os textos? Os professores são encarregados de perseguir todos esses objetivos ao mesmo tempo, mas é evidente que isso é uma tarefa muito difícil. Além disso, é preciso levar em conta a

grande diversidade social dos alunos, uma vez que o domínio da língua e a riqueza cultural estão intimamente ligados ao ambiente familiar.

Na universidade, as coisas são mais simples, já que lidamos com estudantes que optaram por estudar letras. Supõe-se que tenham uma certa proficiência na língua e uma certa bagagem cultural. Portanto, as habilidades de análise e a capacidade de dominar alguns gêneros de discurso especializado são priorizadas. No entanto, nem todos os estudantes têm interesse em literatura; muitos estão matriculados em departamentos de comunicação, que envolvem conhecimentos das ciências sociais. Um dos principais benefícios da análise do discurso é que ela pode servir como um quadro comum para todos os ensinamentos relacionados à linguagem. O desenvolvimento de uma análise do discurso literário, por exemplo, permite estabelecer várias conexões entre a literatura, as ciências da linguagem e as ciências da comunicação. Isso pode contribuir significativamente para dar coerência aos ensinamentos ministrados nesses departamentos.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, Dominique. Aphorisation et cadrage interprétatif. *Redis: revista de estudos do discurso*, nº 2, Porto, 2013, p. 100-116. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/issue/view/263>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

Dominique Maingueneau: Doutor em Linguística pela Universidade de Paris X e pesquisador ativo nas ciências da linguagem, com contribuições destacadas nos campos da Linguística, comunicação, Análise do Discurso e Literatura; autor de vários livros na área de Análise do Discurso, muitos deles traduzidos para diversos idiomas – entre eles o Português. Também publicou artigos em diversas línguas. Atualmente, atua como professor da Universidade Sorbonne.

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes: Doutorando em Letras-Língua Portuguesa (UERJ/CAPES); membro dos grupos de pesquisas Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (ELMEP/CNPq), Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas (CNPq) e Laboratório de Pesquisa em Língua e

Discurso (LINDIS/CNPq). Editor da Revista *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7921-4631> | E-mail: thiagodossantos16@gmail.com.

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior: Doutorando em Letras: Estudos de Literatura - Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Membro do Grupo de Estudos Sartrianos (GP-CNPq). Editor da Revista *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5705-4929> | E-mail: juniorlopesnews@gmail.com.

Lethicia Roberta Barros Gonçalves: Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Editora da Revista *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0714-0252> | E-mail: lethicia-gtins@hotmail.com.

Débora Leão: Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FAPERJ). Editora da Revista *Palimpsesto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3267-9148> | E-mail: deboracristinaleao@gmail.com.